

A Universidade é lugar de mulheres? Da roda de conversa à análise cotidiana, que lugar a mulher se faz presente?

Is the university a place for women? From a small talk to day-to-day analyses, where do women make themselves?

Isabela Souza Pirola¹, Ana Paula Cortina de Liz², Daniele Costa Silva³

RESUMO

O presente artigo conversa sobre o acesso das mulheres à educação brasileira, mas como foco a universidade e a área de exatas. O tema "*A universidade é lugar de mulheres?*" foi proposto em uma atividade extracurricular do projeto de extensão da UTFPR, *Rodas de Conversas Feministas*, em que em uma roda de conversa visou contextualizar historicamente e socialmente o ingresso e a transformação da política educacional do Brasil, uma vez que se constitui como resultado da colonização eurocentrada, e ao longo do tempo, resultado das lutas das minorias sociais, que são em quantidade populacional a maioria dos cidadãos brasileiros, que reivindicaram e garantiram seu espaço em áreas que extrapolam aqueles que foram delimitados pela sociedade machista, racista e patriarcal. O artigo discute também sobre a importância da ocupação das mulheres, pretas e periféricas como sinônimo de enfrentamento às violências simbólicas, moral, de assédios, entre tantas outras violências estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: Minoria Social, Mulheres, Universidade.

ABSTRACT

This article is a discussion about women's access to education in Brazil, focusing on universities and the exact sciences. The theme "*Is university a place for women?*" was proposed in an extra-curricular activity of UTFPR's extension project, *Rodas de Conversas Feministas*, in which a roundtable conversation aimed to contextualize historically and socially the entry and transformation of Brazil's educational policy, since it is the result of Eurocentric colonization, over time, as a result of the struggles of social minorities, who make up the majority of Brazilian citizens, who have demanded and guaranteed their space in areas that go beyond those delimited by a sexist, racist and patriarchal society. The article also discusses the importance of the occupation of women, black women, and peripheral women as a synonym for confronting symbolic violence, moral violence, harassment, and so much other structural violence.

KEYWORDS: Social minorities, Women, University.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, as autoras, trazem as discussões e reflexões provocadas por meio da roda de conversa, *Universidade é lugar de mulher?*, realizada em 12 de abril de 2023 na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Cornélio Procópio (UTFPR-CP). Esta roda integra as atividades do projeto extensionista *Rodas de Conversas Feministas*, projeto este realizado desde 2018 no âmbito da UTFPR-CP e do coletivo feminista *Prazer, Feminismo*, e que tem como objetivo a promoção de espaços de diálogos sobre feminismo, questões de gênero e pautas relacionadas, junto às comunidades acadêmica e externa. Reiterando o compromisso em ser a universidade também um local de formação social.

O anseio de conversar e compartilhar acerca da questão norteadora que intitula a

¹ Bolsista da Fundação Araucária. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil. E-mail: belapirola@gmail.com. ID Lattes: 8801514217454626.

² Escritora voluntária do coletivo Prazer, Feminismo. Pedagoga pela Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo. E-mail: liz.anapaulac@gmail.com.

³ Docente do Departamento Acadêmico de Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil. E-mail: danielasilva@utfpr.edu.br. ID Lattes: 1656654281997056.

atividade, surge da falta, do número reduzido de mulheres no espaço acadêmico que de algum modo vivenciamos, a UTFPR-CP, e das experiências que atravessaram e atravessam a vivência de mulheres neste ambiente. E esta ausência feminina, bem como, as experiências, nos remetem a uma importante discussão feita pelo movimento feminista: Divisão Sexual do Trabalho. Conforme aponta Biroli (2018):

Falar de divisão sexual do trabalho é tocar no que vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. E, claro, nas consequências dessas classificações. As hierarquias de gênero, classe e raça não são explicáveis sem que se leve em conta essa divisão, que produz, ao mesmo tempo, identidades, vantagens e desvantagens. (...) Nela se definem, também, dificuldades cotidianas que vão conformando trajetórias, possibilidades diferenciadas na vida de mulheres e homens. (BIROLI, 2018, p. 21).

Mesmo com um maior acesso de mulheres à educação formal, ao mundo do trabalho, à posições de destaque, e aqui é válido questionar quais mulheres estão tendo esse maior acesso, há ainda uma ideia social de que mulheres não devem ocupar determinados espaços, determinados postos de trabalho. E a situação supracitada é um dos reflexos desta condição socialmente construída.

Neste contexto, a proposição desta roda de conversa e deste trabalho, se ancora na necessidade de discussão sobre a (não) ocupação de mulheres em ambientes públicos, de poder, de produção de conhecimento, como a universidade, especialmente, uma universidade tecnológica, composta predominantemente por cursos com um histórico de pouca presença feminina; majoritariamente masculina, branca e elitista.

MATERIAIS E MÉTODOS

A roda de conversa é um método alicerçado na pesquisa qualitativa, especificamente, nos princípios da pesquisa-ação, baseando-se no diálogo em um grupo comunitário específico. De acordo com Moura e Lima (2014) consiste em

um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. (MOURA; LIMA, 2014, p. 101).

Devido a essas características, a roda de conversa possibilita o diálogo, o debate e a reflexão de forma coletiva. Além de propiciar o intercâmbio de diferentes vivências, visões de mundo, culturas e conhecimentos. E por estas razões foi a metodologia utilizada na atividade em questão.

A roda de conversa, *Universidade é lugar de mulher?*, ocorreu na UTFPR-CP de forma aberta a toda a comunidade interna e externa, com a presença de facilitadores,



que são membros da equipe do projeto *Rodas de Conversas Feministas*, que introduziram e atuaram como mediadores do diálogo acerca da temática a ser debatida. Para tanto, é realizado previamente um processo de preparação destes facilitadores, que consiste na pesquisa sobre o assunto abordado em artigos, reportagens, vídeos, documentários dentre outros recursos de fontes científicas, oficiais e especializadas no assunto, e preparação de material educativo a ser utilizado na roda de conversa. Mais especificamente, para esta roda de conversa, o material educativo foi construído tomando como texto base o trabalho de Costa (2016), no qual é feito um levantamento e debate histórico sobre o acesso de mulheres à universidade no Brasil, em especial, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); dados do Censo da Educação Superior de 2021, feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); reportagens sobre disparidade salarial, mulheres e ensino superior; e por fim, trajetórias de servidoras e estudantes da UTFPR.

No decorrer da atividade o protocolo adotado envolve a disposição das cadeiras em um formato em que todos os participantes fiquem frente a frente, propiciando visualização física entre os participantes e os mediadores da discussão, indicando um cenário favorável para o diálogo; apresentação do material educativo pelos facilitadores de forma a introduzir o assunto a ser debatido e por fim, a conversa em si, em que os participantes expõem e trocam suas opiniões, saberes e vivências sob a mediação dos facilitadores. Esse procedimento teve duração de 70 minutos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme já exposto, a motivação para realização da roda de conversa, *Universidade é lugar de mulher?*, é a baixa presença de mulheres nos corpos discente e docente dos cursos ofertados na UTFPR-CP. Se a universidade, em termos legais, é um local de mulher, porque há tão poucas mulheres ocupando este espaço acadêmico?

Quando falamos sobre espaços públicos, como a universidade, precisamos compreender que eles são atravessados pela categorização de um sistema político, econômico e social. Tais espaços são construídos e frequentados de acordo com quem tem a possibilidade de acessar, e essa, é limitada pelo papel social que o indivíduo assume na sociedade. Papel este, na sociedade brasileira, entranhado à classe social, raça e gênero.

Esse sistema de segregação dos espaços é um fato social, e o acesso à educação faz parte desse processo de exclusão de partes sociais, econômicas e políticas. A educação conforme o Brasil adota, é uma educação colonizada, que traz uma ideia de escola, tanto básica, como universitária, do que se pensa como universidade pela Europa.

O sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nessa estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis de ensino brasileiro - elementar, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas [...] constitui um ritual da formalidade e da

ostentação da Europa e, mais recentemente, dos Estados Unidos. (NASCIMENTO, 1978 apud GONZALEZ, 2020, p. 39).

Contudo, essa construção e ideologia de escola é fundamentada na metodologia de monastérios e estudos dentro desses espaços onde somente homens podiam ingressar. Desse modo, o Brasil adota um sistema educacional carregado de estruturas políticas e burocracias oriundas da elite social. Até então o espaço universitário era todo pensado por homens, e claro com o recorte social do Brasil, homens donos de engenho e seus filhos, em forma de que pudesse ter a gestão dos seus bens e propriedades. Assim como, a educação básica era segregada em ensinamentos diferenciados, onde mulheres faziam cursos de magistérios e se formavam como estenógrafas, datilógrafas e especialistas nos cuidados de crianças, etc., e os homens tinham o ensino secundário preparatório para a universidade (COSTA, 2016, p. 52).

Entretanto, não podemos descartar todo o movimento político das minorias brasileiras, que disputam os espaços de formação como por direito enquanto cidadãos brasileiros. E a luta das mulheres, no início do século XVI, soma a essa minoria de disputa de ocupar os espaços, portanto começa o movimento de reivindicação do direito ao ensino como todo (COSTA, 2016, pg 53). Foi somente em abril de 1879 no Brasil, aprovado no Decreto nº 7246, pelo D. Pedro II a Reforma Leôncio de Carvalho, que concedeu o direito das mulheres de aceder ao ensino superior.

Diante dessas estruturas, as mulheres aos poucos foram tendo seus destaques dentro das universidades como estudantes. A primeira mulher branca a se formar na universidade brasileira foi Rita Lobato Velho Lopes em 1887 na Faculdade de Medicina da Bahia. Outro exemplo foi Maria Rita de Andrade, primeira mulher negra, que se formou em Direito pela Federal da Bahia em 1926, tendo seu importante legado como a primeira mulher a integrar o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a primeira juíza federal do Brasil. É válido ressaltar que a raça da mulher é aqui colocada, porque existe um intervalo de 39 anos entre os fatos, e isso evidencia que além do gênero, a raça é também um marcador social de segregação no contexto brasileiro.

A partir do séc XX, em 1930, a sociedade brasileira começa a se urbanizar, e contudo marcada pelas mudanças dos ensinamentos secundários públicos que passam a não ser focados no preparo para o ensino superior e portanto se cria o Ministério da Educação e Saúde pública que permite o ingresso das mulheres. Conseqüentemente, a partir das organizações dos movimentos, foi se obtendo cada vez mais o debate de quem ocupa as universidades, e foi em 1945 que tivemos a primeira mulher negra, Enedina Alves Marques, a obter o título de engenheira (engenharia civil) pela Universidade Federal do Paraná.

Sabemos também que, nesse período marcado pela guerra mundial, tivemos uma demanda maior de pessoas nos espaços urbanizados após período de industrialização, e potencializados pela guerra em que, os homens eram enviados as batalhas e as mulheres são incentivadas a ocupar os espaços e trabalhos das gestões, não só familiar, mas também administrativas. Colocando assim, em questão os papéis sociais da mulher mundialmente.

No Brasil, entre 1950 -1960, começa a se observar a movimentação crescente do ingresso de mulheres ao ensino superior, ainda muito ligada a “vocação” da mulher, com os cursos que eram pensados para o cuidado, o cotidiano da casa, e por sua vez as mulheres que ingressaram nas universidades precisavam da aprovação dos homens da

família (COSTA, 2016, p. 66). Dentro dessa disputa, elas eram submetidas a cursar as Escolas Normais e as áreas de vocação feminina no Ensino Superior, por exemplo, Pedagogia.

Através deste contexto histórico e social, o qual foi apresentado, debatido e dialogado na roda de conversa, foi iniciado um processo de “responder” as indagações e incômodos que motivaram a realização da atividade:

Fala de uma das autoras do artigo - *O foco na história das mulheres na universidade trouxe uma nova camada de compreensão sobre os desafios que as mulheres enfrentaram ao longo do tempo nesse ambiente acadêmico. (...) Ouvir as experiências das outras participantes proporcionou uma visão mais ampla de como é ser uma mulher em um ambiente universitário dominado por homens. Não foi apenas uma pessoa a enfrentar situações desafiadoras, e isso trouxe uma sensação de solidariedade e compreensão mútua.*

E apesar do recorte centrado na questão do acesso de mulheres à universidade, e motivações a partir de vivências na UTFPR-CP, engana-se quem pensa que esta conversa não pode atravessar esse contexto e se deparar com outras experiências.

Na roda de conversa, uma das participantes relatou que quando frequentou um curso na área de Humanas, onde majoritariamente as professoras eram mulheres, o ambiente não teve os mesmos enfrentamentos, por exemplo, a indagação da capacidade intelectual, comentários machistas, assédio, dentre outros de caráter sexista, entre outras violências, que as participantes das áreas de Exatas relataram; destacando a importância da representatividade feminina no ambiente acadêmico e de como isso pode impactar significativamente a experiência das estudantes. E para além, auxiliar na compreensão de aspectos que nos afetam enquanto sociedade, como uma divisão sexual e racial do trabalho.

CONCLUSÃO

O intuito deste trabalho foi relatar e compartilhar as motivações, as experiências, as discussões e as reflexões propiciadas por meio de uma atividade extensionista: a roda de conversa *Universidade é lugar de mulher?*. Ação esta que promoveu um espaço seguro e acolhedor aos participantes, no qual perspectivas puderam ser compartilhadas e ouvidas atentamente, bem como, vivências tais quais ser minoria em sala de aula, encontrando-se entre apenas duas ou três colegas do mesmo gênero (feminino) numa turma de 40 alunos; a distinção de tratamento por parte de professores, em especial os do gênero masculino, os quais muitas vezes deixam de oferecer apoio ou esclarecimentos às alunas; comentários machistas, tanto sutis quanto explícitos, vindos de professores e outros colegas. Dentre diversas outras experiências desmotivadoras ao convívio e permanência no ambiente acadêmico.

E para além deste espaço de partilha e escuta, um local de compreensão do que dá materialidade a estas vivências e as vivências de tantas outras mulheres inseridas dentro e fora do ambiente acadêmico, por meio do diálogo e debate acerca de processos históricos, sociais e políticos que estruturam a sociedade brasileira.

Evidenciando a importância da criação de espaços coletivos, como o coletivo *Prazer, Feminismo* e seus projetos.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Araucária pelo aporte financeiro e ao coletivo *Prazer, Feminismo* e as pessoas que o constroem por alicerçar a execução do projeto.

Conflito de interesse

Não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. 1. ed. Boitempo: São Paulo, 2018.

COSTA, Priscila Trarbach. **O acesso da mulher ao ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Dissertação UFRGS, Porto Alegre, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2020.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação** (online), [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014.